

ESTUDO DO PÓS-COLONIALISMO EM HEATHCLIFF DE “O MORRO DOS VENTOS UIVANTES” DE EMILY BRONTË

JÚLIA COSTA MENDES; EDUARDO MARKS DE MARQUES

Universidade Federal de Pelotas – julia.ufpel@gmail.com
 Universidade Federal de Pelotas – eduardo.marks@mandic.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo comprovar, a partir de elementos da obra, a análise do personagem Heathcliff de *O Morro dos Ventos Uivantes* de Emily Brontë sob a perspectiva pós-colonial. Para tal, utilizarei o recorte de sua infância.

A história que Emily Brontë conta em *O Morro dos Ventos Uivantes* está inserida em um período histórico denominado colonialismo (século XV ao século XX). A narrativa se inicia na Inglaterra em 1801 e retorna à segunda metade do século XVIII. Inserem-se nesse período histórico as grandes descobertas de terras e povos até então desconhecidos, o advento das grandes navegações e um aumento do fluxo comercial. Com um melhor entendimento sobre a geografia da Terra, a população europeia cruzou os mares à procura de novas colônias. Com isso, foi necessário, então, também lidar com os nativos dessas regiões descobertas. Os europeus brancos e bem estruturados afirmaram-se colonizadores e, portanto, superiores e mais desenvolvidos que aqueles povos chamados por eles de “não civilizados”. A dinâmica social se dava pela dominação e imposição da cultura imperialista do colonizador. Em muitos casos, os nativos eram considerados até mesmo parte da fauna, já que o que diferenciava os animais dos humanos, para os colonizadores, era a cultura europeia.

A teoria pós-colonial, reconhecida em autores como Edward Said, Franz Fanon, Albert Memmi e outros, trata de uma teoria crítica que ganhou espaço na década de 1980 debatendo as relações imperialistas, tanto do ponto de vista cultural e social quanto do econômico. (BALLESTRIN, 2013). Assim,

Não nos devemos iludir, aliás, com a imagem convencional e tradicional do colonialismo. Consistindo essencialmente, como veremos, na dominação e na exploração de grupos humanos, de classes sociais, ou de povos uns pelos outros, o colonialismo não só perdura, Como acabamos de salientar, nas antigas colônias, hoje convertidas em nações politicamente soberanas, mas permanece também, na forma de segregação racial, em países considerados democráticos. (MEMMI, 1977)

De acordo com Said, a cultura é um importante elemento no processo de dominação. Segundo ele “todas as culturas”, em especial os povos ocidentais, “tendem a elaborar representações de culturas estrangeiras a fim de melhor domina-las ou de alguma forma controlá-las.” (2005). Portanto, o universo cultural foi transformado em ferramenta de dominação e opressão daqueles considerados inferiores ou atrasados pelos europeus.

A sociedade colonizada não é apenas descrita como uma sociedade sem valores. Não basta ao colono afirmar que os valores desertaram, ou melhor jamais habitarem, o mundo colonizado. O indígena é declarado impermeável a ética, ausência de valores, como também negação dos valores. É, usemos confessa-lo o inimigo dos valores. Neste sentido, é o mal absoluto. (FANON, 1968)

Nessas citações, os autores apresentam principalmente quais eram as intenções dos povos em colonizar uns aos outros. A ideia primordial era descobrir novas terras e apoderar-se delas. No entanto, muitas vezes, junto às terras os europeus encontravam sociedades com culturas, línguas e estruturas próprias e, conseqüentemente, precisavam lidar e conviver com eles.

Portanto, este trabalho estudará o único romance escrito por Brontë *O Morro dos Ventos Uivantes*, com foco na análise do personagem central, Heathcliff, que será desenvolvida a luz da teoria pos-colonial. Considerando a dicotomia colonizador e colonizado, dominador e dominado, superior e inferior será utilizado o recorte da infância de Heathcliff. Percebe-se que desde sua chegada ao Morro o personagem já foi visto como um ser explorável, colonizável.

2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi necessária a leitura do livro de Emily Brontë e de diversos autores sobre as teorias do pós-colonialismo e análises bibliográficas.

Primeiramente foi preciso conhecer a teoria pós-colonial, o que ela propunha e de que maneira. Em seguida, a partir da leitura da obra literária foi possível identificar diversos aspectos dos personagens que correspondiam ao da teoria lida.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde a primeira vez que Heathcliff aparece no romance, nota-se que o personagem não se encaixa no modelo de europeu branco. Na obra, não fica claro que o menino é negro, mas sim que ele não é branco, já que, ao o verem, referem-se a ele como cigano de cabelos escuros. Assim conseguimos perceber, no seguinte trecho, que ele nem mesmo dominava a língua inglesa:

Juntamo-nos todos ao redor dele e, por cima da cabeça da Srta. Cathy, tive o vislumbre de uma criança suja, maltrapilha e de cabelos escuros; grande o bastante para caminhar e falar – na verdade, o rosto parecia mais velho do que o de Catherine – mas, quando ficou de pé, simplesmente olhou ao redor, e repetiu inúmeras vezes uma algaravia que ninguém conseguiu entender. Fiquei assustada, e a sra. Earnshaw parecia disposta a jogá-lo porta agora: pôs-se de pé em um sobressalto (...) (BRONTË, 2011)

Neste trecho podemos notar quais foram as primeiras impressões a respeito de Heathcliff, tanto como o perceberam sendo não branco, como também que não dominava a língua inglesa. Posteriormente na obra, vemos que ele acaba não tendo acesso à educação, pois é obrigado a trabalhar e, portanto, demora a compreender a linguagem e a expressar-se de maneira inteligível.

Outro fator importante é a referência que percebemos com relação a onde o menino havia sido encontrado: Liverpool. O romance não diz em momento algum que Heathcliff era escravo ou mesmo que ele era negro, ainda que esta seja uma leitura bastante possível, tendo em vista que em Liverpool havia um grande porto para o comércio escravista. Percebemos que o garoto realmente era visto como um escravo ou mesmo um ser explorável. Notamos isso no trecho:

...uma história sobre ver o garoto passando fome, sem ter onde morar e confuso nas ruas de Liverpool, onde o havia encontrado e perguntado pelo dono – mas, segundo disse, não encontrou viva alma que soubesse a quem pertencia. (BRONTË, 2011)

A utilização dos termos “dono” e “pertencia” para fazer referência à Heathcliff, um ser humano, confirma que ele era tratado como uma propriedade, bem como os escravos que eram tratados como mercadorias, como algo a se apropriar.

No romance de Brontë, Heathcliff, por gostar muito de Catherine, tenta impressioná-la, em um jantar que Hindley oferece à família Linton, pedindo que Nelly o arrume bem para que ele possa chamar atenção da menina, em: “Nelly, dê um jeito em mim, prometo me comportar” (BRONTË, 2011, p. 72). E na mesma ocasião ele expressa a vontade de parecer-se com Edgar Linton, como vemos em: “... Eu queria ter cabelos finos e pele clara, ter roupas boas e ser bem-comportado, e ter a chance de ser tão rico quanto ele vai ser.” (BRONTË, 2011, p.72) e “Em outras palavras, preciso querer os olhos azuis e a fronte lisa de Edgar Linton”, respondeu ele. “Bem, eu os quero – mas de pouco adianta.” (BRONTË, 2011, p.73).

Como foi possível ver nos exemplos dados acima, Heathcliff é apresentado como o garoto descoberto, sem cultura, sem nação, pronto para ser domesticado e explorado, da mesma forma que os europeus colonizadores faziam com seus grupos humanos descobertos. Estes são apenas alguns exemplos da obra em que é possível comprovar a aplicação da teoria na narrativa.

4. CONCLUSÕES

Nessa perspectiva, observa-se que no romance de Emily Brontë, o pós-colonialismo está presente e pode ser aplicado nos personagens do romance. Através de exemplos e embasamentos teóricos, ficou claro que Brontë utiliza o personagem Heathcliff aplicando as teorias colonialistas, apresentando quem é o colonizador e o colonizado e como ambos se apresentam e são descritos.

A partir da visão eurocêntrica vigente na época em que a história no Morro dos Ventos Uivantes acontece, Heathcliff foi visto como um selvagem, um ser inferior que precisava ser domesticado, unicamente por não pertencer ao padrão de homem branco e europeu que era apresentado como o único culturalmente evoluído e por isso superior. De acordo com a pesquisa, ficou claro que fazer uma ligação com os estudos de pós-colonialismo e com tal personagem foi possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.** Brasília, n.11, ago. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522013000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 08 out. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>.
- BRONTË, Emily. **O Morro dos Ventos Uivantes**. Porto Alegre 1ª ed: L&PM, 2011.
- FANON, Franz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.
- MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro 2ª ed: Paz e Terra, 1977.
- PETERS, Laura. **Orphan Texts, Victorian Orphans, Culture and Empire**. 1ª ed. 2000 Manchester: Manchester University Press 2000. 1ª ed.
- SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.